

## EDITORIAL

### ANCHIETA – POLÊMICA INÚTIL

Dr. Antônio Gomes da Costa

Três jesuítas tiveram uma importância extraordinária nos primeiros tempos da História do Brasil. Foram eles: os Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, no século XVI, e o Padre Antônio Vieira, no século seguinte. O que fizeram pela nacionalidade e pela Igreja, pela defesa do território e pela liberdade dos índios, pela Língua e pelo ensino, pelo catecismo e pela vida humana, cada um a seu modo, transformaram-nos em verdadeiros construtores da Pátria - para já não emitirmos juízos de valor sobre seu trabalho apostólico e salvífico.

No caso de José de Anchieta, cujo 4º centenário de nascimento comemoramos neste 9 de junho, talvez porque tenha o "santo homem nascido na ilha de Tenerife, que é uma das Canárias", para usarmos as palavras de seu biógrafo, Padre Antônio Franco, houve, de vez em quando, por parte de alguns ensaístas, a propensão de considerá-lo uma espécie de "estranho no ninho" de uma cultura a que, por ampliação globalizante e por afinidades, chamaríamos de "cultura luso-brasileira". O Padre Manuel da Nóbrega e o Padre Antônio Vieira esses ficaram sempre noutra plano, por serem nacionais de berço - um, o autor da "Informação da Terra do Brasil", oriundo de Sanfins do Douro, e, o outro, o "Imperador da Língua", como lhe chamou Fernando Pessoa, nascido em Lisboa, e educado no Colégio dos Jesuítas na Bahia. Aliás, já Ivan Luis, o positivista, a propósito do processo da beatificação de Anchieta observava, fazendo referência a Austregésilo de Athayde, que o jesuíta ficara abandonado pelo ramo espanhol da Companhia de Jesus, por ter vindo trabalhar para o Brasil; e pelo ramo português, por não ser de naturalidade lusa.

Ora, a nosso ver, o fato de Anchieta ter nascido nas Canárias não impede, em nenhuma hipótese, que seja considerado como peça e produto da cultura luso-brasileira. Primeiro, porque ainda menino deixou a ilha de Tenerife mandado por seus pais, juntamente com outro irmão, para estudar em Coimbra, o que vai determinar uma formação moldada "entre o viço e a

verdura" da Universidade. De Coimbra, onde faz o noviciado na Companhia de Jesus, parte, com menos de 20 anos, para o Brasil, onde, segundo os médicos, "os ares seriam mais favoráveis e meigos" à sua saúde.

É no Brasil que ficará o resto da vida: prossegue os estudos no Colégio de Jesus, na Bahia; depois realiza seu admirável magistério a partir de S. Vicente; não pára mais: participa da fundação do Rio de Janeiro e de S. Paulo, promove a paz com os tamoios, auxilia Nóbrega no seu múnus de Provincial, abre escolas, defende o território, entrega-se à conversão das almas e ao serviço de Deus. Até que, doente e alquebrado, morre em Reretiba "com fama pública de santidade e exemplos raros", conforme escreveu um dos melhores conhecedores da Companhia de Jesus, o Padre Simão de Vasconcelos.

Podemos afirmar, portanto, que apesar do local de nascimento, a "paideia" e a vida do Padre Anchieta tiveram lugar no espaço geográfico e cultural luso-brasileiro. E como expressão desse cenário temos a sua obra literária, quase toda escrita em Português e com alguns poemas e epístolas em Latim, sendo escassos os trabalhos em espanhol; a sua *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*; as suas "cartas quadrimensais" enviadas aos superiores da Companhia de Jesus; os seus autos e a sua metodologia pedagógica; os valores e os "gens" que levou de terra em terra convertendo o gentio e ampliando a cristandade enfim, a sua própria convivência com Nóbrega e outros irmãos portugueses fazem de Anchieta um "igual". E quando o vemos na luta contra os franceses, ou a firmar a paz em Iperoig, ou a lançar o embrião da Santa Casa do Rio de Janeiro, ou a escrever o poema à Virgem, ou a participar da fundação de cidades, decerto que não vislumbramos outros traços e *patterns* senão os de uma cultura – a luso-brasileira. Mas como agravante desse sentimento de reserva a Anchieta, para não fulgurar no mesmo arco de Nóbrega e de Vieira, tivemos a determinada altura, não imerecida, nem exagerada, uma concentração do culto anchietiano a tomar conta das instâncias intelectuais e religiosas do país.

Já na 2ª metade do século XIX apareceu Fagundes Varela com seu *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*; depois, Eduardo Prado chama a atenção para o terceiro centenário da morte do "apóstolo do Brasil"; nos anos 30 são as conferências organizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a propósito do centenário de nascimento do jesuíta; são editadas dezenas de obras, que tratam de Anchieta – o místico, o contemplativo, o religioso, o educador, o gramático, o catequista, o pacificador, o santo, aquele que segundo Euclides da Cunha reconcilia o Brasil com os seguidores de Santo Inácio de Loyola, o *pauper et inutilis*, como ele próprio se denominava no fecho de suas cartas. E a ansiedade da apologia acaba por desaguar numa grande controvérsia sobre a fundação da cidade de S. Paulo. Para uma

corrente de historiadores já não teria sido o Padre Manuel da Nóbrega o principal responsável, mas o discípulo. Reexaminaram-se cartas e documentos; divide-se a glória pelo Padre Manuel de Paiva, por João Ramalho ou por Tibiriçá; recorre-se ao Visconde de Taunay, a Capistrano de Abreu, a Serafim Netto, a Pedro Calmon, a Robert Southey, a Afrânio Peixoto, a Rocha Pombo, a Vicente Tapajós; traz-se Joaquim Nabuco à lide – "antes de tudo, como separar Anchieta de Nóbrega? Podeis compreender um sem outro, ver o jovem irmão sem que o Fundador se mostre ao lado dele?" e no meio do fogo cruzado da polêmica esquece-se até o testemunho do próprio Anchieta: "o Padre Manuel da Nóbrega mandou os filhos dos índios para uma povoação nova (Piratininga) que os índios faziam por ordem do mesmo Padre para receberem a Fé".

Todas as controvérsias se desfizeram depois, mas assim mesmo as "reservas" em relação a Anchieta, primeiro, pelo lugar de nascimento e depois pela presunção de que a sua glória concorreria com a de Nóbrega, acabou por deixar estrias em certos estudos da História. É um equívoco: ambos deram ao Brasil nascente uma contribuição fantástica e não é pelo fato de ter nascido nas Canárias que a Anchieta faltou portugalidade nos desígnios de sua Obra e na sua formação.

\*\*\*